



MANOEL HYGINO

Jornalista

manoelhygino@santacasabh.org.br

Quixote e o magistrado

Juízes comprometidos com o interesse público são quixotescos. Nos tempos difíceis que atravessamos, é verdade. Assim se depreende do excelente artigo do desembargador Rogério Medeiros Garcia de Lima, no número mais recente da revista "Magiscultura". Diz ali: "Após mais duas décadas de exercício da magistratura, trago na alma a quimera do cavaleiro errante de Cervantes. Certamente, a mesma fantasia anima o espírito de incontáveis magistrados no Brasil e mundo afora..."

Em longas e legítimas digressões sobre a Justiça, aqui e agora, Rogério Medeiros Garcia de Lima observa que tortuoso é o caminho daqueles que cultivam a fé política. A utopia da justiça requer pessoas de fé. "No mundo contemporâneo, a fé jurídica exige alta dose de coragem. Vivemos o apogeu do individualismo, apregoado pelo renovado liberalismo econômico. Pensadores e juristas dotados de visão social são desqualificados como ultrapassados e descompromissados com a 'governabilidade' do país. A consciência da justiça social é retribuída com achincalhe".

No momento que vivemos, em que o Judiciário é alvo de críticas a vítima de julgamentos precipitados e maus juízos, por motivos múltiplos, é bom assentar a cabeça e meditar: "Os juízes não desenvolvam atividade discricionária e neutra. Devem atuar inspirados pelas regras e princípios adotados, implícita ou explicitamente, pelo sistema jurídico do Estado Democrático de Direito. A Constituição de 1988 espera por julgadores, aos quais garante independência institucional e funcional, a utilização da liberdade de julgar para a realização dos valores por ela abraçados. Por isso, todo magistrado tem por responsabilidade social, como enfatiza Aguiar Júnior."

Há de se lembrar Dostoievski, em "Os Irmãos Karamazov": "Crê até o fim, mesmo que todos os homens se hajam desviado e tenhas ficado fiel sozinho; leva então tua oferenda e louva a Deus, por teres tido o único a manter a fé."

E como entra nisso D. Quixote? O herói de Cervantes se tornou a mais bela metáfora do esforço humano para buscar o impossível equilíbrio entre sonho e realidade, como sublinhou Frenette. O ministro Carlos Veloso julga Dom Quixote o "herói da magistratura brasileira". Conclui Garcia Lima: "A toga é a nossa armadura e a caneta é nossa lança. Mas não temos um fiel Sancho Pança como escudeiro."

Membro da Academia Mineira de Letras